



José Cardoso Pires

Cantacadáveres 2

O cantacadáveres por excelência é o literato menor que corre ao funeral duma figura destacada para se lhe introduzir na biografia. É um hóspede à força, alguém que à última hora se instala na eternidade dos outros para tentar ganhar a dele.

MUITO PARA trás, já não sei quando, falei aqui do Cantacadáveres, que é um figurante muito dado a velórios e a lealdades de cemitério. Nessa altura, defini-o como um abutre generoso que, empoleirado no falecido, se engorda de vaidade à custa dos elogios que lhe entoa. Hoje, não só confirmo o personagem como o declaro irmão natural da Choracadáveres (vulgo, carpideira mercenária), com a diferença de que ele assopra o morto com declamações retóricas e ela salpica-o de teatro às pinguinhas com soluços de amadora e lágrimas bairristas.

Esta expropriação dos mortos é da idade do mundo. Eu próprio, ainda menino, ouvi o padre de Moral do Liceu Camões proclamar que, para libertar o país da praga comunista, o que era preciso era enterrar os vivos e saudar os mortos. Degolar os infiéis e depois fazer-lhes continência pareceu-me uma grandiosíssima sacanice à Torquemada, só mais tarde é que percebi que aquilo era um princípio do professor Salazar. Na verdade, para o Dinossauro de Santa Comba os escritores e os intelectuais, enquanto vivos, eram-lhe coisa para deitar aos ministros-cães da polícia política, mas depois de mortos levantava-lhes a censura e deixava que os seus nomes circulassem à vontade nos jornais.

O cantacadáveres, como necrófago encartado, também navega por essas águas. Não só explora a morte dos outros como é capaz de explorar a morte de si próprio em chantagens de estarrecer. “Estou a escrever as minhas me-

mórias, meu caro, mas só serão publicadas depois da minha morte”, costumava dizer um deles.

Só depois de morto? Caramba, isso de um cantacadáveres se cantar a si próprio com memórias irresponsáveis a coberto do silêncio tumular assusta qualquer sujeito. Até aqui cantava-se por reflexo, cantando os outros, uma vez que não teria quem o cantasse depois de morto. Mas agora descobriu, como solução, o truque das memórias póstumas e, com caraças, o carnaval que aquilo não iria ser.

O cantacadáveres por excelência é o literato menor que corre ao funeral das figuras gloriosas para se lhes introduzir na biografia. É um hóspede à força, alguém que se instala na eternidade dos grandes para ganhar alguma coisinha, coitado. Por isso está sempre a citá-los em toada íntima de par eleito e na comoção espaventosa dos fáceis sentimentais. O golpe é esse. Com mais exagero, menos exagero, ilustra-se com os mortos exemplares, inventando-os a seu gosto para se inventar a si mesmo. É um jogo de trunfos viciados, uma operação de mitomania cultural, mas ninguém está para o desmascarar porque com oportunismos tão primários pode o mundo muito bem.

Pode, é como quem diz. Porque há anos, em Vale da Várzea, lá para a Bei-

ra Interior, um tal Sebastião Braz, clérigo e cantacadáveres local, pôs em chamas a povoação por causa dum artigo que publicou no semanário da comarca em elogio a uma donzela de morte sagrada.

Padre Sebastião, escrevinhador já um tanto enevoado pelas mitologias laudatórias das suas prosas, fora chamado de urgência à herdade dos grandes senhores lá da terra onde encontrara a menina numa espécie de leito de morte, com um cão aos pés e dois círios à cabeceira. Nem os pais, lavradores de ouro e coração, nem o médico da casa conseguiam explicar aquilo. Sem febres nem mal-estar, a donzela presentira que ia morrer a um sinal que lhe estava destinado, meteu-se na cama, chamou o padre para receber os sacramentos e ficou à espera. Para passo do doutor e de toda a gente, ao terceiro dia fechou os olhos e entregou a alma ao Criador.

Aí o cantacadáveres entrou em glória e escreveu o elogio da infanta que se libertara do mundo. Falou do Palácio da Noite e do Sonho onde a morte a viera abraçar; de Cérbero, o mastim da ira; do rio do Inferno em caudal de chamas — tanta coisa, tanta coisa que a mãe da defunta perdeu o tino. Uma tarde em que se achou só em casa, meteu-se na cama com dois círios à cabeceira mas as chamas saltaram-lhe para os lençóis e mandaram-na desta para melhor num esvoaçar de labaredas com procuração do cantacadáveres.

Este pegou logo na caneta e escreveu lágrimas de paixão por si próprio. ●